

VITÓRIAS E DERROTAS NO VOLEIBOL NACIONAL: UMA ABORDAGEM CRÍTICA DO DESPORTO NO PERÍODO DE 78 A 88

*Fernanda Simone Lopes de Paiva **

BATE-BOLA:

A questão inicial deste trabalho surgiu por meio do "acaso" em meados de novembro de 88. Foi na condição de árbitro da F.V.R. que numa bela tarde de sol carioca, trocado o lazer pela motivante tarefa de arbitrar uma partida inter-estadual entre Santa Catarina e Minas Gerais (via Hering x Unisa/Minas), que descubro que a tal partida fazia parte, nada mais, nada menos, da já tradicional Taça Cidade do Rio de Janeiro, evidentemente, uma competição eminentemente carioca!... Passado o "desprezo" dispensado ao pequeno detalhe, um papo mais interessado com os companheiros de arbitragem permitiu a constatação de outro fato inusitado: das 14 equipes que disputavam a competição - 8 masculinas e 6 femininas - 8 eram equipes de outros estados - 5 masculinas e 3 femininas -. Equipes convidadas pela nossa federação.

Convidadas...

Bateu um saudosismo corporativista; afinal, onde estavam os atletas tupiniquins? Onde estão?

Fiquei dias martelando essa pergunta; e, aí, já em outro local de trabalho, double de pesquisadora, travestida de "cientista social", ela - a pergunta - perdeu o caráter saudosista e deu espaço a uma questão para análise, na qual a intuição concreta tendia a se diluir em conceitos abstratos, para, a partir daí, avançar, num trabalho de remontagem e construção de um conhecimento concreto.

Mas era restrito do ponto de vista científico querer especular sem fazer uma leitura mais ampla das competições realizadas a nível de Rio de Janeiro e de Brasil. Mais do que saber onde estava o "povo"

(permitam-me, carinhosamente, assim chamar os amigos atletas e ex-atletas, coadjuvantes e comparsas ao longo de, justamente, dez anos de vida "volibolística" em comum), era preciso saber COMO o "povo" NÃO estava onde devia estar, e POR QUE?

A situação concreta é a competição carioca falida, com equipes cariocas falidas. Haveria sido sempre assim? Não. Não em vários sentidos. Não à resposta à pergunta. Não às equipes falidas. Não às competições falidas também. Por uma questão metodológica no desenvolvimento desta exposição, explicitaremos cada "não" de uma vez, procurando, assim, dar uma maior gama de informações à análise crítica de cada variável da, agora, já não tão simples questão.

O JOGO:

- 1º SET:

Começemos pela pergunta em si. Não é preciso muita elaboração, apenas paciência, para colher informações nas fontes primárias que documentam o vôlei nacional: as notas oficiais e boletins emitidos pela FVR e pela CBV. Pelo empirismo é possível arriscar uma periodização na historicidade das competições.

No quadro nacional, a época é de mudanças. Os campeonatos juvenil e infanto-juvenil de seleções se intercalavam ano sim, ano não. Mas a partir de 1979, a divisão infanto-juvenil, e de 1982, a juvenil, passam a ter competições anuais. Outra observação importante, talvez de maior relevância, diz respeito à divisão adulta. Até 1980 se interpunham anualmente o Campeonato Brasileiro de Voleibol (disputado por seleções estaduais) e o Campeonato Brasileiro de

* UFRJ

Escola de Educação Física e Desportos
Departamento de Lutas
Câmara de Estudos Inter-Disciplinares em Educação Física e Ciências Sociais

Clubes Campeões. A partir desta data, o primeiro fica extinto, passando o segundo a ter realização anual.

Com relação a esta competição, ao longo dos anos teve seu nome modificado (embora a sua numeração se mantivesse) e a sua forma organizacional, também. Entra "grupo", sai "grupo". Entra "etapa", sai "etapa". Entra "grande prêmio", sai "grande prêmio", o auge desta competição chega na temporada 88/89, com a formação da Li-

ga Nacional, descrita na nota Oficial 098/88, da CBV, como "divisão especial do XI Campeonato Brasileiro de Clubes".

A nível estadual e municipal, modificações também podem ser evidenciadas. Se no final da década de 70 podíamos encontrar uma proporcionalidade mais equilibrada entre número de clubes participantes, competições e divisões, o mesmo não se pode dizer para o final desta década. Observamos uma comparação entre os anos de 1978, 1980 e 1987.

Divisão	Categoria	Nº de Competições			Nº de equipes Participantes (*)		
		A N O	A N O	A N O	A N O	A N O	A N O
pré-mirim	masculina	-	-	5	-	-	≅5
	feminina	-	-	5	-	-	≅6
mirim	masculina	2	2	3+1	7	8	7,4
	feminina	2	2	3+1	12	10	≅8,4
infantil	masculina	2	1	3	10	8	≅7
	feminina	2	1	3	14	12	≅13
infanto	masculina	1	1	1	11	12	8
	feminina	1	1	1	15	13	9
juvenil	masculina	1	1	2	10	10	≅6
	feminina	1	1	2	11	10	≅7
aspirante	masculina	1	-	1	8	-	4
	feminina	1	-	-	8	-	-
adulto	masculina	2	2	3	≅9	≅7	≅6
	feminina	2	2	2	≅7	7	4

(*) por competição.

Até a conclusão deste trabalho - março/89 - a FVR estava em fase de encadernação com os dados referentes a 1988. Por isso eles não foram utilizados.

Podemos constatar alguns fatos:

1. Apareceu uma subdivisão, o pré-mirim. Em 1988 ela apareceu como "mirim até 12 anos".

2. Dobra o número de competições na divisão mirim. Numa análise mais detalhada, valendo-se dos dados referentes aos demais anos, percebe-se que essa duplicação acontece a partir de 1982. Em 1988, no entanto, só o feminino tem 4 competições.

Até 1985, o feminino conta =12 equipes participantes por competição. A partir daí, essa média cai para 8 equipes.

No masculino, de =8 participantes por competição, até 1987, a média cai, em 1988, para 4 equipes, em 2 inossos torneios.

3. Na divisão infantil, aumenta o número de competições, embora, proporcionalmente, decresça o número de equipes participantes. Em 1988, os números são de =5 equipes no masculino e =8 no feminino.

4. No infante-juvenil e no juvenil, no cômputo geral, são realizadas 2 competições por ano, uma no feminino, outra no masculino. O detalhe fica a cargo das equipes participantes: em 88 elas se reduzem à metade.

5. No adulto é quase a mesma coisa... só não é mais "quase" porque a partir de 1986, ou por convite da FVR, ou por "adoção" de alguma equipe carioca (ex.: a equipe do Vasco vem "adotando" a equipe catariense de Chapecó), as competições dessa divisão vêm sendo "enriquecidas" com a participação de equipes de outros estados.

6. Além disso, nesses anos, um dado curiosamente drástico tangente no total de atletas filiados à Federação: em 78 eram 1.047, em 80, 896 e 87, apenas 320.

No fundo, isso tudo quer dizer que o vôlei do Rio de Janeiro, sob o ponto de vista de produção, está mesmo falindo... O "povo" está sendo "aposentado" bem cedo... Isso nos leva a respostas da nossa primeira pergunta: o "povo" está nas arquibancadas, nas redes das praias, nos campeonatos universitários. Mas, COMO!? Como?...

- 2º SET:

Já foi mostrada a assiduidade organizacional nas competições promovidas pela CBV, bem como as características do seu, hoje, principal evento a nível nacional, que

se aprimoraram.

Lá pelos idos de 1982 entra em cena a Copa Marlboro, que nada mais é do que o V Campeonato Brasileiro de Voleibol, irmão mais novo do IV Campeonato Brasileiro de Clubes Campeões. Diga-se de passagem, este campeonato, realizado em 1981, foi o último a ser designado como sendo o de "Clubes Campeões". Foi em 1980 que apareceu o que, tragicamente, poderíamos chamar de "célula cancerosa" dessa simpática competição. É nela que debuta a sigla, que durante os próximos anos, vai agitar o mundo do vôlei: as ADCs - Associações Desportivas Classistas.

Parece-me que aqui quase incorro no erro de tentar recorrer ao passado para explicar o presente. No entanto, é preciso recorrer ao movimento da história; dessa pequena parte da história que me propus a contar. É preciso clarificar o presente e o passado, para que, enfim, cheguemos aos porquês. Sim, são mais de um...

Nesse início dos anos 80 o país vive o afã de abertura ampla, geral e irrestrita, e, vejam só que contrariedade, é por aí também, que a CBV lança um "pacotão" que mexe com muitas das práticas do voleibol de então. São vetadas as temporadas no exterior aos nossos "selecionáveis". São criadas novas formas para transferências. Enfim, a intenção é agregar, "enraizar" times. Para atender essas "necessidades de mercado" afloram os patrocínios a todos os níveis. Daí a referência à Copa Marlboro. Abortam-se as ADCs e o voleibol sucumbe aos "delírios" da iniciativa privada.

Na busca da realização do sonho olímpico de "alguéns", os atletas de alto nível não mais precisam abandonar o país, a família, a vida particular, o seu "modus vivendi". Podem levar avante suas carreiras profissionais de "seguritários", "aviadores", "tecelões"; na árdua tarefa operária de seis horas de treinos diários, preparação física, musculação...

Ironias à parte, verdade é que o quadro se alterou. "Pintava" no ar a "profissionalização" do voleibol. Com a oportunidade de realização de um trabalho sério(?) e contínuo com os nossos melhores atletas, houve uma grande ascensão técnica que desencadeou, juntamente com a popularização do "fulaninho", um feed-back incentivador da "massificação" do dito desporto. Nessa altura do campeonato, com toda estranheza que o trocadilho possa ter, se joga vôlei em

todos os lugares: na praia, na rua, na escola.

Fica assim incluído naquela lista de "benefícios" operacionais o fato de o "nosso vôlei" ter sido elevado à posição de 2º esporte nacional, perdendo, unicamente, pro amigão, o futebol. Até hoje me pergunto se é o caminho dele que o voleibol deseja trilhar...

- 3º SET:

O vôlei encontra o seu espaço. Várias medidas são tomadas para assegurar suas conquistas. Nas divisões inferiores regras são adaptadas de forma a facilitar o seu aprendizado, "sub"-divisões passam a existir, mais campeonatos são realizados. Porém, o aumento do incentivo às divisões inferiores não é absorvido pelas divisões principais, levando-se em conta o âmbito das federações. Aconteceu uma espécie de "inchamento" pela ilusão do "faça do seu filho um campeão".

Inversamente ao que ocorria até o aparecimento das ADCs, as divisões juvenil e adulta vão minguando. "Entendível". O vôlei tornou-se um investimento caro e a estrutura "amadora" dos clubes não bancava a concorrência desigual. Uma nova consulta ao quadro apresentado ratifica estas observações. Se fossem dados "nomes aos bois" - às equipes participantes das competições cariocas - veríamos que nas divisões de cima, nos últimos anos, não mais participaram clubes tradicionais do Rio, como o Tijuca, o CIB, a AABB, o Fluminense, o Botafogo e o Flamengo (no feminino).

O engraçado é que Associações Desportivas Classistas são associações de funcionários de determinadas empresas. Aconteceram alguns equívocos, irregularidade nas contratações dos "funcionários" que precisavam ter tempo de "casa" para jogar. Algumas ADCs não passaram de um primeiro campeonato e todas faleceram (de câncer?) entre os anos de 84 e 85. A ADC Hering, de Santa Catarina, foi a última vítima e se despediu da torcida no IX Campeonato Brasileiro de Clubes, em 1986.

Já sei! Você está pensando que me pegou numa contradição cronológica, afinal eu mesmo arbitrei um dos muitos jogos da Hering em 88. Mas desvendemos esse mistério juntos.

Acontece que das cinzas das ADCs nasceram as Associações Atléticoas, os Clubes Recreativos, as Associações Desportivas,

as Sociedades Esportivas Recreativas, enfim, as "Empresas" Esporte Clube. O esquizóide Campeonato de Clubes que, durante anos a fio, se submeteu à terapia para suportar a sua crise de identidade, pode agora sorrir aliviado. Voltou a ser um campeonato de clubes (de empresas), mas isso não faz diferença...

Faz. Assim como o vôlei encontrou seu espaço na mídia, a iniciativa privada encontrou mercado no vôlei - e em outros esportes também (aqui não entraremos no mérito de quem são os responsáveis pelo financiamento e manutenção do esporte no país, essa é uma questão controversa que exige uma discussão profunda, socialmente fundamentada). Da relação patrão-empregado, pelas ADCs estabelecidas, muitos "fantasmas" ficaram vagando no ar.

Vivemos num país onde leis são feitas para não serem cumpridas. No documento "Leis, Diretrizes e bases do Desporto Nacional" publicado em 1985, pasmem!, distinções são feitas na manifestação do esporte-performance: esporte-federado, esporte classista e esporte profissional. Ao que parece, nesses anos de vôlei não houve nenhuma diferença...

Triste realidade... Clubes convidados... Atletas aposentados... Equipes falidas...

- 4º SET:

A mercantilização da força de trabalho do atleta criou impasses que ainda não vislumbraram uma solução. (Porque) A desigualdade de capital investido na manutenção das equipes prefere os Clubes aos "Clubes-empresas". Hoje essa divisão deveria ser meramente didática, (porque) as ADCs são clubes legalmente existentes. No entanto é mais que sabido que a questão do investimento é decisiva e crucial. (Porque) O vôlei hoje vende tudo: nome de banco, óleo, trenas, galinhas, presunto, tapetes, malhas, pneus, já vendeu até saúde... E vende também comida natural, revista de vôlei, estilo de vida, sugere status e ilude alguns desavisados, que quando crescerem (quando crescerão?) querem ser jogadores(as) de voleibol! Esse sistema, amador na prática, tem uma práxis altamente profissional. (Porque) Nele passaram a vigorar as normas do capitalismo de empregos (e salários?). Enquanto relação de produção atleta e trabalhador valem pela sua capacidade de trabalho (de produzir bens ou, no caso, produzir

resultados) e não como pessoa.

(Porque) Como pessoa, e como atleta, lhe foi cerceado o direito de ir ao seu clube, três vezes por semana, e durante 2 ou 3 horas diárias treinar, aperfeiçoar, jogar o seu vôlei, espremido entre a aula de ginástica e o treino de basquete. A questão não é negar o progresso, mas reivindicar espaços específicos. Talvez (mesmo que de cima pra baixo, afinal foi assim que tudo aconteceu) a descrição de "divisão especial" possa colaborar nesse sentido. (Porque) "Especial" ela vem sendo desde o "canceroso" 1980.

Em nome de um vice-campeonato olímpico, um vice-campeonato mundial, conquistas de Jogos Pan e Sul-Americanos, muita "bola" foi "bola fora". Muitas por engano dos "árbitros", muitas por engano do "jogador".

- TIE-BREAK:

• **Dos Conceitos Abstratos:**

Leucipo, no século VI "A.D.C." (Antes De Cristo), já descobrira que nada acontece por acaso, mas tudo por uma razão e sob uma necessidade. Os filósofos modernos nos falam sobre necessidades produzidas. O Brasil vive hoje (mal) infra-estruturado capitalistamente. Aqui vivem, aqui trabalham, aqui capitalizam, conterrâneos e "forasteiros" empresários. "Homens de negócios", cujo negócio, é fazer dinheiro, formulando razões, criando necessidades, iludindo as "massas".

Não gratuitamente, e também não desvinculado de uma realidade social; o corpo, a educação física, o esporte, vêm saindo de um "pedagogismo" anos 60, para desembocar, ao vivo e a cores, no tecnicolor do tecnicismo dos anos 70. Muitíssimos conhecimentos são produzidos na área da preparação física e do treinamento desportivo. No auge da performance humana, o esporte (pra simplificar) é descoberto como meio de manutenção do sistema. Como aparelho ideológico. Por esse mecanismo, olimpíadas são boicotadas num esquizofrênico aviso de que, como a vida e a educação, o esporte também é político. É uma forma de poder, e nele podem ser refletidas as tantas contradições existentes na sociedade. Sobre ele, podemos especular positivamente; ou, dialeticamente.

• **Da construção do conhecimento concreto:**

Delineou-se um desalinhado perfil. Ao longo desse justo pensar, perguntas procuraram ser respondidas. Nesse trabalho de picote e colagem, detalhou-se a situação concreta primeiramente colocada. E, agora, justamente, um "tempo" para a construção de um outro momento.

Pretendeu-se evidenciar a principal contradição vivida hoje pelo vôlei, para daí, avançar. Até onde consta, o vôlei é um desporto AMADOR. Não são regulamentadas por lei, nem a profissão de atleta, nem a de jogador de voleibol. Contrapondo-se a isso, foi observado que os clubes participantes da Liga Nacional, na sua quase absoluta maioria, mantêm com seus atletas vínculo profissional; seja através de contratos do tipo serviços prestados como autônomo, acordos com Prefeituras, ou as normas de C.L.T. ligado ao desempenho de outras funções.

Outro fato é que, opondo-se à década passada, onde o vôlei tinha, em seus atletas, uma população, em sua maioria universitária, esse quadro reverteu-se hoje no grau de escolaridade oscilando entre o 2º grau (completo ou não) e a faculdade interrompida. Muito poucos têm uma graduação e quase nenhum (exceção feita aos licenciados em educação física) exercem "outra" profissão.

No entanto, se não têm um emprego, têm um trabalho de práxis profissional. E são cobradas pra isso mais que 6 horas diárias. A maioria dos atletas vive em função do vôlei, do clube que os mantêm. Mas nem por isso, ou por outro motivo qualquer, o tempo de vida "produtiva" do atleta aumentou. A nível da principal competição organizada pela CBV, o Campeonato Brasileiro Adulto tem, no feminino, uma ordem de 90% da sua maioria de atletas participantes com 20 anos de idade. No masculino, 100% dessa maioria está entre os 21 e os 23 anos - e não tem nenhum fator biológico que justifique essa média de idade tão baixa.

Acima, todos são fatos desse novo perfil. "Plano de carreira", "seguro desemprego", "seguro contra acidentes de trabalho", "organização sindical"; isso? nem pensar! E aqui, se me permitem o eufemismo, que profissionalismo amador... Os atletas estão longe de pertencer à classe trabalhadora e mais longe ainda de ser uma categoria profissional.

É hora de a comunidade envolvida, que vive no vôlei e que vive de vôlei, se orientar. Volei por vôlei, este se esgota em si

mesmo, numa forma positivista de pensar e muito pouco a contribuir.

Enquanto ele não for situado dentro do esporte nacional, não for entendido dentro da realidade brasileira, continuará inexpressivo para 99,46% (SEED-MEC, Relatório: Retrato Brasil, Educação, Cultura e Desporto, 1970/1990 - 1982.) da população, que não têm acesso a nenhuma prática esportiva cíclica sequer!

Agora, mais do que contribuir com a formação de uma "potência esportiva", o vôlei - e mais que ele, o esporte - precisa descobrir a sua função junto às massas, e, que essa função NAO SEJA a que ele hoje vem tendo. Num país onde um dos "melhores" títulos é o "Campeonato Desigual da Distribuição de Rendas" (16,35% do que o país produz na mão de 1% da população x 15,47% divididos entre a metade pobre) uma medalha olímpica parece muito pouco significar. A questão não é negar o esporte, o vôlei, mas entendê-lo no contexto geral. Se "sacarmos" que sem uma mudança radical na infra-estrutura social de nada adiantará uma solitária iniciativa, eis aí o começo de um dialético pensar. Um "toque" que, de forma mais efetiva, ao nosso país ajudará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTHUSSER, Louis - Aparelhos Ideológicos do Estado. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1983.
- CBV - Notas Oficiais e Boletins, de 1978 a 1988. Arquivos. Rio de Janeiro, 1988.
- FVR - Notas Oficiais e Boletins, de 1978 a 1988. Arquivos. Rio de Janeiro, 1988.
- LOPES, Elian Marta Teixeira - Perspectivas Históricas da Educação. Editora Ática. São Paulo, 1986.
- MELAGODI, Edgard - O Que é Materialismo Dialético. Editora Brasiliense. Rio de Janeiro, 1988.
- MINAIO, Maria Cecília de Souza, et alii - A Saúde em Estado de Choque. Editora Espaço e Tempo. Rio de Janeiro, 1986.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de, et alii - Fundamentos Pedagógicos da Educação Física. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro, 1987.